



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.42.116.AO05>

Mídias digitais na primeira infância: uma análise qualitativa e longitudinal dos fundamentos das práticas maternas

Digital media in early childhood: a qualitative and longitudinal analysis of maternal practices' foundations

Fundamentos de prácticas maternas de medios digitales en la primera infancia: análisis cualitativo y longitudinal

Fernanda Martins Marques
Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS
<https://orcid.org/0000-0002-5424-3513>
fernandamartinsmarques@outlook.com

Giana Bitencourt Frizzo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS
<https://orcid.org/0000-0001-8106-4441>

Agradecimentos

As autoras agradecem o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

Resumo

Na primeira infância, os cuidadores exercem um papel essencial na relação que as crianças estabelecem com as mídias digitais, mas é necessário compreender melhor os fundamentos de suas práticas relativas a esse tópico. Fundamentos das práticas maternas são as bases essenciais que orientam as ações e comportamentos das mães nas tarefas de cuidado da criança envolvendo mídias digitais. O objetivo deste estudo longitudinal foi analisar esses fundamentos, suas estabilidades e mudanças ao longo da primeira infância, antes e durante a pandemia por COVID-19. Participaram 22 mães com filhos entre 5 e 33 meses de idade na etapa 1 do estudo (pré-pandemia) e entre 32 e 60 meses na etapa 2 (durante a pandemia). A partir de análise temática reflexiva de entrevistas semiestruturadas sobre uso de mídias digitais na família, foram construídos quatro temas: “Informações sobre uso de mídias digitais na infância”, “busca por alternativas às mídias digitais”, “reações e comportamentos do bebê/criança” e “vivências da própria infância”. Embora esses fundamentos tenham se mantido os mesmos nas duas etapas, observaram-se algumas alterações nas práticas maternas, relacionadas ao desenvolvimento infantil e a mudanças nas provisões ambientais na pandemia. Os resultados sugerem que as práticas maternas relacionadas às mídias digitais são construídas em um processo autoral, ativo e dinâmico. As implicações práticas incluem aprimorar o suporte individualizado às mães por profissionais de saúde e escolas, fortalecer a rede de apoio no cuidado à criança e ampliar as opções de lazer das famílias.

Palavras-chave: cuidados parentais; desenvolvimento infantil; mídias digitais; pandemia por COVID-19

Abstract

In early childhood, caregivers play an essential role in the relationship that children establish with digital media, but it is necessary to better understand the foundations of their practices regarding this topic. Foundations of maternal practices are the essential bases that guide mothers' actions and behaviors in childcare tasks involving digital media. The objective of this longitudinal study was to analyze these foundations, their stability, and changes throughout early childhood, before and during the COVID-19 pandemic. Participants included 22 mothers with children aged 5 to 33 months in stage 1 of the study (pre-pandemic), and 32 to 60 months in stage 2 (during the pandemic). Reflexive thematic analysis of semi-structured interviews about the use of digital media in the family resulted in the construction of four themes: “Information on digital media use in childhood”, “seeking alternatives to digital media”, “baby/child reactions and behavior”, and “mothers' childhood experiences”. While the foundations remained consistent, some changes in maternal practices were observed, influenced by child development and the pandemic-related environmental shifts. Results suggest that maternal practices related to digital media are built through an authorial, active, and dynamic process. Practical implications involve improving individualized support from healthcare professionals and schools for mothers, strengthening childcare support, and expanding family leisure options.

Keywords: parental care; child development; digital media; COVID-19 pandemic

Resumen

En la primera infancia, los cuidadores desempeñan un papel esencial en la relación de los niños con los medios digitales, siendo crucial comprender los fundamentos de las prácticas maternas en este contexto. Estos se definen como las bases que orientan las acciones y comportamientos de las madres en las tareas de cuidado infantil con medios digitales. El objetivo de este estudio longitudinal fue analizar estos fundamentos, su estabilidad y cambios a lo largo de la primera

infancia, antes y durante la pandemia de COVID-19. Participaron 22 madres con hijos de entre 5 y 33 meses en la etapa 1 del estudio (antes de la pandemia) y de entre 32 y 60 meses en la etapa 2 (durante la pandemia). El análisis temático reflexivo de entrevistas sobre el uso de medios digitales en la familia resultó en cuatro temas: “Información sobre el uso de medios digitales en la infancia”, “búsqueda de alternativas a los medios digitales”, “reacciones y comportamiento del niño” y “experiencias maternas en su infancia”. Aunque los fundamentos se mantuvieron constantes, se observaron cambios en las prácticas maternas relacionados con el desarrollo infantil y las circunstancias de la pandemia. Los resultados sugieren que las prácticas maternas relacionadas con los medios digitales se construyen de manera autoral, activa y dinámica. Mejorar el apoyo individualizado a las madres por profesionales de la salud y escuelas, fortalecer la red de apoyo en el cuidado infantil y ampliar las opciones de ocio de las familias son implicaciones prácticas.

Palabras clave: *cuidado parental; desarrollo infantil; medios digitales; pandemia de COVID-19*

Introdução

Atualmente a maioria das crianças cresce em um ambiente permeado pelas mídias digitais¹, vivenciando as interações e construindo sua compreensão do mundo sob a influência desses dispositivos (Nolan et al., 2021). Muitas das chamadas “telas” são portáteis, interativas e possuem tecnologia *touchscreen*, o que as torna de fácil manejo e presentes em diversos momentos e espaços da rotina familiar, possibilitando que sejam acessadas até mesmo por bebês (Guedes et al., 2019).

Durante a primeira infância, mães e pais desempenham um papel essencial na relação que as crianças estabelecem com as mídias digitais. Nos primeiros anos de vida, elas dependem dos cuidadores para ter acesso a esses dispositivos e regular seu uso (Kildare & Middlemiss, 2017). Esse também é um momento crítico para a formação de hábitos relacionados às mídias digitais, pois há evidências de que o uso problemático dessas tecnologias – definido como uso excessivo e que interfere no funcionamento geral da criança - pode se manter relativamente estável já entre os dois e três anos de idade (Coyne et al., 2022). Ademais, um maior tempo de tela na primeira infância vem sendo associado a possíveis prejuízos em diferentes áreas, como linguagem, sono e autorregulação emocional (Anderson & Hanson, 2013; Radesky et al., 2016; Staples et al., 2021), indicando a importância da realização de pesquisas e intervenções sobre o

¹ Mídias digitais são dispositivos, formatos e métodos de comunicação que veiculam conteúdo digitalizado por meio de sinais digitais, como na Internet, na TV e em redes de computadores e de telefonia. Exemplos incluem softwares de computador, aplicativos móveis, redes sociais, videogames, páginas da Web, fotos e vídeos digitais, e-books e smartphones (American Psychological Association [APA], 2019).

tópico durante esse período do desenvolvimento infantil.

Nesse contexto, associações pediátricas de diferentes países elaboraram recomendações sobre o tema, como, por exemplo, selecionar conteúdos de alta qualidade e apropriados à idade da criança, testar aplicativos antes de disponibilizá-los aos filhos, não fazer uso próximo ao horário de dormir e durante as refeições, além de monitorar o próprio uso feito pelos pais (American Academy of Pediatrics [AAP], 2016; Bozzolla et al., 2019). Contudo, as diretrizes mais divulgadas se referem ao chamado "tempo de tela". Segundo elas, a exposição de bebês às mídias digitais é desencorajada até os 24 meses de idade, com exceção de chamadas de vídeo com familiares; já para crianças de dois a cinco anos, recomenda-se limitar o tempo de exposição às telas a menos de uma hora diária (AAP, 2016).

Estudos indicam que a probabilidade de as crianças excederem o tempo de uso recomendado é significativamente maior quando seus pais desconhecem essas orientações (Miguel-Berges et al., 2019). Apesar disso, pesquisas observaram que há uma lacuna na abordagem desse assunto em consultas de rotina com profissionais de saúde (Golden et al., 2020; Pedrotti, 2019). Ao mesmo tempo, outros estudos indicam que o conhecimento das diretrizes pediátricas e a expressão de preocupação, pelos pais, com os impactos negativos do uso na infância nem sempre se traduzem em práticas parentais restritivas ou na redução do tempo de exposição das crianças a esses dispositivos (Brown & Smolenaers, 2018; Mascheroni & Zaffaroni, 2023; Nikken, 2022). Portanto, as práticas parentais relacionadas às mídias digitais na primeira infância não se fundamentam apenas nas informações, atitudes e crenças dos pais sobre o uso desses dispositivos, mas constituem um fenômeno muito mais amplo. Fatores como a difusividade e multifuncionalidade das telas nos ambientes domésticos, hábitos familiares relacionados ao uso de mídias digitais, influência de irmãos mais velhos, *layout* dos ambientes, estresse parental e falta de rede de apoio podem tornar um desafio para mães e pais seguir essas recomendações (Brown & Smolenaers, 2018; Golden et al., 2020; Hartshorne et al., 2021; Mascheroni & Zaffaroni, 2023; Nikken, 2022).

Por essa razão, alguns autores tecem críticas às orientações sobre o “tempo de tela”, alegando que elas ignoram as complexidades da vida familiar real e a ambivalência de mães e pais em relação às mídias digitais (Blum-Ross & Livingstone, 2018). Essa ambivalência surge da preocupação dos cuidadores com possíveis impactos negativos do uso no desenvolvimento infantil, ao mesmo tempo em que reconhecem e utilizam as

conveniências dessas tecnologias para gerenciar as demandas diárias, incluindo o cuidado das crianças (Blum-Ross & Livingstone, 2018; Hartshorne et al., 2021; Mascheroni & Zaffaroni, 2023). Hartshorne et al. (2021) ressaltam, nesse sentido, que níveis mais baixos de tempo de tela não são meramente atribuíveis à existência de cuidadores bem-informados sobre essa questão, mas sim ao acesso dos pais a recursos adequados para o cuidado dos filhos. Quando as demandas sobre os cuidadores crescem e esses recursos são restritos, eles tendem a recorrer mais às mídias digitais, a exemplo do ocorrido durante a pandemia por COVID-19 (Hartshorne et al., 2021). Apesar de a Organização Mundial de Saúde (OMS) ter declarado, em 5 de maio de 2023, que a COVID-19 não é mais considerada uma emergência global de saúde, seus impactos sobre as crianças e suas famílias, incluindo o aumento do uso de mídias digitais, ainda persistem e precisam ser avaliados a longo prazo.

É possível observar, portanto, que as mídias digitais representam um desafio significativo à parentalidade contemporânea, pois se trata de um fenômeno recente, complexo e ainda carente de respostas conclusivas, despertando dúvidas em mães e pais quanto ao manejo do uso que seus filhos fazem desses dispositivos (Blum-Ross & Livingstone, 2018). Ao mesmo tempo, as mídias digitais constituem um suporte importante à parentalidade, cuja assistência não se limita às atividades e práticas do dia a dia com as crianças, mas também se estende ao acesso a informações relevantes sobre parentalidade e educação dos filhos. Estudos têm demonstrado, por exemplo, que as mães recorrem a ambientes virtuais, como blogs e redes sociais, em busca de orientações, esclarecimentos e conselhos sobre comportamento, desenvolvimento e saúde infantil (Pesce & Lopes, 2020; Pretorius et al., 2019).

A perspectiva psicanalítica faz um contraponto à ideia de que a maternidade e a paternidade são constituídas apenas pela transmissão de informações e orientações objetivas e técnicas sobre como cuidar e educar os filhos. Autores como Houzel (2004) e Zornig (2010) destacam a dimensão subjetiva da parentalidade, que exige uma reorganização psíquica e inconsciente inerente ao processo de se tornar mãe ou pai. O psicanalista francês Houzel (2004) identifica três eixos centrais - exercício, experiência e prática - que estruturam as funções parentais. O eixo da prática envolve as tarefas diárias de cuidado físico e emocional da criança, incluindo interações comportamentais e afetivas durante atividades de cuidado e brincadeiras, interações fantasmáticas, que compreendem a dimensão inconsciente da relação pais-filhos e interações simbólicas, que envolvem a

transmissão entre gerações, inserindo a criança em sua filiação. Neste artigo, ao fazer referência a práticas maternas, toma-se como base teórica o eixo da prática da parentalidade, conforme definido por Houzel (2004). Já o termo “fundamentos das práticas maternas” é proposto pelas autoras do presente estudo para nomear as bases essenciais que sustentam e orientam as ações e comportamentos das mães nas tarefas diárias de cuidado físico e emocional da criança envolvendo as mídias digitais.

Segundo Zornig (2010), a forma como os pais exercem e vivenciam a parentalidade é influenciada por sua história infantil, suas relações com seus próprios pais e suas identificações durante a infância. As memórias, experiências e identificações adquiridas por meio do brincar na infância também fundamentam e tornam possível a vivência da parentalidade (Winnicott, 1987/2006). Trata-se, portanto, de um processo autoral e ativo, baseado nas vivências únicas de cuidado recebido nos primeiros anos de vida e nas próprias experiências como mãe e/ou pai (Zornig, 2010). A forma como a parentalidade é exercida também é influenciada pelas respostas e comportamentos do bebê (Zornig, 2010). Brazelton (1974) destaca o potencial social do recém-nascido humano e sua ativa participação nas relações com os principais cuidadores desde os primeiros dias de vida, influenciando-as com suas reações, preferências, ritmos e temperamento. Segundo o psicanalista Donald Winnicott (1963/1983), cuidadores atentos, disponíveis e sensíveis aos sinais do bebê adaptam suas respostas de modo a atender às suas necessidades, permitindo também que este vivencie a frustração dentro de limites adequados à sua capacidade de tolerância, algo essencial para o processo de amadurecimento emocional, da dependência absoluta à independência relativa do bebê. Assim, a literatura psicanalítica indica diversos fatores subjetivos e relacionais envolvidos na parentalidade.

No entanto, ao se observar resultados de estudos de revisão da literatura sobre parentalidade, práticas parentais e mídias digitais (Coyne et al., 2017; Üstündang et al., 2021), é possível constatar a escassez de trabalhos empíricos de orientação psicanalítica que abordem essa temática. De qualquer forma, evidências presentes em algumas pesquisas permitem indagar sobre a influência das memórias e experiências infantis das mães em suas abordagens em relação às mídias digitais com seus filhos. Nimrod e Elias (2023), por exemplo, encontraram que as práticas maternas relativas às mídias digitais podem ter um componente transgeracional, no sentido de reproduzir padrões de interação mediados por esses dispositivos, independentemente dos avanços tecnológicos ocorridos

ao longo das décadas.

Objetivo

Apesar da relevância desses estudos, a revisão da literatura sugere a necessidade de uma compreensão mais aprofundada dos fundamentos subjacentes às práticas maternas relacionadas às mídias digitais na primeira infância, que contemple fatores subjetivos e relacionais envolvidos na parentalidade, alterações nas rotinas das famílias e no uso desses dispositivos durante a pandemia por Covid-19, além de possíveis mudanças relacionadas ao desenvolvimento infantil. Sendo assim, o objetivo deste estudo foi analisar os fundamentos das práticas maternas relativas às mídias digitais, suas estabilidades e mudanças ao longo da primeira infância, antes e durante a pandemia por COVID-19

Método

Delineamento e Participantes

Trata-se de estudo de caráter descritivo, exploratório, longitudinal e de natureza qualitativa (Robson, 2002). Participaram 22 mães (etapa 1: M=32.9, DP =4.52 e etapa 2: M=35.6, DP=4.47) com filhos entre cinco e 33 meses de idade na etapa 1 da coleta de dados (M=16.6, DP=9.34, 72.7% meninas) e entre 32 e 60 meses na etapa 2 (M=45.9, DP=8.4). As participantes foram as mesmas nas duas etapas do estudo. Apenas uma delas se autodeclarou amarela e as demais se declararam brancas, residentes na capital e região metropolitana das regiões sul e sudeste do Brasil. A maioria era casada ou residia com companheiro (20 mães, 90,9%). A Tabela 1 traz mais dados sociodemográficos.

As participantes provêm de um projeto mais amplo, intitulado “Os bebês, as famílias e o uso das tecnologias: Um estudo multi-métodos para o desenvolvimento infantil” (Frizzo et al., 2017), que foi divulgado por WhatsApp e no Facebook e Instagram do grupo de pesquisa, com o convite: “Queremos conhecer o uso que mães e bebês de até 36 meses fazem de *tablets* e celulares”. Os critérios de inclusão abrangeram mães maiores de 18 anos, que fossem a principal cuidadora de bebês com até 36 meses de idade, saudáveis e nascidos a termo. Foram adotados esses critérios de inclusão pois um dos objetivos do projeto mais amplo era investigar de que forma o uso de mídias digitais afeta

o desenvolvimento infantil nos primeiros anos de vida, tornando necessário controlar essas variáveis.

Considerações Éticas

O estudo seguiu a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAAE: 69947117.6.0000.5334) e toda as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido nas duas etapas de coleta de dados.

Algumas mães referiram interesse em conhecer os resultados do estudo e em ter acesso a materiais informativos sobre uso de mídias digitais na primeira infância, sendo então orientadas a acompanhar as redes sociais e o site do grupo de pesquisa, onde encontrariam essas informações.

Instrumentos e Procedimentos

A etapa 1 da coleta de dados foi realizada entre os anos de 2018 e 2019, e a etapa 2 ao longo do segundo semestre do ano de 2021, durante a pandemia. Nas duas etapas as mães responderam ao “Questionário de Dados Sociodemográficos” de forma on-line e auto aplicada, através da plataforma SurveyMonkey, com acesso via link disponibilizado pelas pesquisadoras. Nas duas etapas elas responderam a uma entrevista sobre interação familiar com uso de tecnologias, que foram realizadas pelas psicólogas pesquisadoras envolvidas no projeto e gravadas. Na etapa 1 a entrevista foi realizada de modo presencial. Já na etapa 2 da coleta de dados, em função da pandemia por COVID-19, as mães responderam à entrevista por meio de chamada de vídeo na plataforma Google Meet. Na etapa 1, a entrevista continha perguntas sobre o uso que as mães faziam das mídias digitais, o que pensavam sobre elas, qual uso as crianças faziam, em qual contexto, quem oferecia telas, qual tipo de dispositivo eletrônico era oferecido nos diferentes contextos, quais as vantagens e desvantagens em usar mídias digitais com bebês e crianças pequenas e se haviam recebido orientação profissional sobre o tema. Na etapa 2, além dessas questões, a entrevista possuía perguntas sobre mudanças na rotina da família e no uso de mídias digitais durante a pandemia, experiência da maternidade, alterações no uso de mídias digitais pela criança ao longo do tempo e história da criança na família.

Análise dos dados

As entrevistas foram transcritas e analisadas com o auxílio do software QSR NVivo versão 1.5.1 por meio de análise temática reflexiva (Braun et al., 2019). Esse tipo de análise é indicado em pesquisas sobre práticas, comportamentos, experiências, pontos de vista e percepções, com foco no que as pessoas dizem e no conteúdo da linguagem presente nos dados (Braun & Clarke, n.d.) – estando, portanto, de acordo com os objetivos do estudo. Seguindo uma abordagem indutiva dos dados, com base nos seis passos da análise temática reflexiva propostos por Braun et al. (2019), construíram-se códigos que foram posteriormente agrupados em temas. Ao longo do processo de análise foram realizadas supervisões com uma pesquisadora experiente em análise temática reflexiva, conforme sugerido por Braun e Clarke (n.d.).

Tabela 1*Dados sociodemográficos das mães**

Característica	N	%
Renda familiar		
De 1 a 6 salários-mínimos	9	40,9
De 6 a 12 salários-mínimos	8	36,4
Acima de 12 salários-mínimos	5	22,7
Escolaridade materna		
Pós-Graduação	10	45,5
Superior Completo	8	36,4
Superior Incompleto	4	18,2
Área de ocupação		
Administrativa	7	31,8
Saúde	6	27,3
Design e Comunicação visual	4	18,2
Estudante	2	9,1

Dona de casa	1	4,5
Educação	1	4,5
Justiça	1	4,5
Perda de rede de apoio durante a pandemia**		
Creche ou escola	17	77,3%
Familiares e/ou amigos (avós, tios, padrinhos, vizinhos)	8	36,4%
Babá	5	22,7%
Não contavam com rede de apoio antes da pandemia	3	13,6%

***Nota:** Alguns dados sociodemográficos fizeram parte de outro artigo submetido a publicação.

****Nota:** Uma mesma participante pode ter perdido mais de uma rede de apoio.

Resultados

A análise temática reflexiva resultou na construção de quatro temas que descrevem e interpretam os fundamentos das práticas maternas relativas às mídias digitais na primeira infância: “Informações sobre uso de mídias digitais na infância”, “busca por alternativas às mídias digitais”, “reações e comportamentos do bebê/criança” e “vivências da própria infância”. Eles serão apresentados a seguir e ilustrados por vinhetas com falas das participantes. A sigla que acompanha esses relatos contém o número do caso, a idade da criança em meses e a etapa da pesquisa de que fazem parte. Por exemplo, “Caso 9, Cr30m, 1” é uma vinheta da participante 9, em que a criança tinha 30 meses e a entrevista foi realizada na etapa 1 do estudo.

Informações sobre uso de mídias digitais na infância

Um dos elementos que fundamenta as práticas maternas relacionadas às mídias digitais são as informações sobre uso de telas na infância a que as mães têm acesso. As participantes mencionaram diversos conteúdos e fontes de informação, incluindo recomendações de associações de pediatria, reportagens compartilhadas em grupos de

WhatsApp, perfis dedicados à parentalidade no Instagram, bem como materiais publicados por profissionais da área da saúde em redes sociais.

Na etapa 1 do estudo, 13 participantes referiram buscar ativamente essas informações por interesse próprio e curiosidade, sendo que na etapa 2 esse número manteve-se relativamente estável, com 12 participantes fazendo menção a essa questão. As informações mais destacadas nos relatos das mães dizem respeito aos prejuízos e ao tempo de uso de telas indicado em cada faixa etária, que se mostraram bastante influentes nas práticas maternas relativas a esses dispositivos. A seguinte vinheta ilustra essa temática:

Essa questão de não deixar ver tela até os dois anos, tudo isso eu aprendi com a tecnologia, né? Não foi lendo em livro, né, foi no celular, pesquisando, indo atrás da informação, acho que o acesso à informação pras mães, a tecnologia ajuda muito, né?... Eu procuro no Ministério da Saúde, Sociedade Brasileira de Pediatria, essas recomendações, assim, também tem no Instagram, bastante perfil que divulga, né? (Caso 16, Cr56m, 2).

Algumas participantes (cinco na etapa 1 e oito na etapa 2) relataram ter recebido orientações sobre uso de mídias digitais na infância por parte de profissionais da saúde. Apenas uma das mães foi orientada sobre o assunto por sua psicóloga. Os demais profissionais citados foram médico pediatra, oftalmologista e gastroenterologista pediátrico:

O pediatra dizia quando eles eram pequeninhos pra não botar eles na televisão nem nada, porque eles não tem...a questão da visão, assim, o bebê...quando é muito pequenininho que tá amamentando ele não enxerga nem direito o rosto da mãe, assim, enxergam vulto e daí não sei com quantos meses que ele vai começar a ver tipo contornos definidos e tal, então...aquela coisa explosão de cores e muito piscar e muito...o pediatra dizia, assim, que fazia mal pra formação, enfim, não sei se é da visão, do cérebro... então essa orientação a gente teve, assim... (Caso 10, Cr31m, 1).

No entanto, a maioria das mães (17 na etapa 1 e 14 na etapa 2) relataram nunca ter recebido orientações diretas sobre o assunto por parte de profissionais de saúde:

Mãe: Não. O pediatra nunca falou sobre isso. Entrevistadora: Nunca nenhuma orientação sobre o uso? Mãe: Não. (Caso 2, Cr12m, 1).

Portanto, na etapa 2 do estudo, realizada durante a pandemia por COVID-19, três mães a mais, em comparação com a etapa 1, referiram ter recebido orientações sobre o assunto em consultas com profissionais de saúde. Destaca-se, ainda, que apenas uma das

participantes relatou ter iniciado por demanda própria uma conversa sobre o uso de telas na infância durante a consulta com o pediatra de sua filha:

Isso [uso de telas pela criança] é uma coisa que eu até levo pro nosso pediatra assim, né, que claro, comigo conversa sobre isso porque eu proponho, eu acho, mas não teria vindo espontaneamente, assim, né (Caso 6, Cr45m, 2).

Três participantes referiram que tiveram acesso a informações sobre uso de telas na infância em função de sua profissão: “*Não, não, diretamente do pediatra sobre eles, não, né, eu... eu estudo sobre isso, e... né, leio, e assisto algumas palestras, mas da minha área de formação, não como mãe, assim, né, e... especificamente deles, não recebemos nada*” (Caso 14, Cr33m, 1).

Uma das mães citou a participação no estudo e os materiais informativos disponíveis no site do grupo de pesquisa como fonte de orientação sobre o assunto:

Não! [respondendo se recebeu orientação de profissional de saúde]. A sorte é que ela [a filha] começou bem cedo no projeto com vocês, aí eu li todos os materiais! (mãe ri). Quer dizer, não digo todos, porque eram muitos artigos! Mas tudo o que me foi passado, ali, e eu busquei também no site, eu já li, então, essa foi a orientação que eu tive, foi porque ela começou bem cedo com vocês, então, eu já... mas pediatra, ninguém, nem escola... (Caso 21, Cr47m, 2).

Ao mesmo tempo em que buscam e baseiam suas práticas relativas às mídias digitais nessas informações e recomendações, algumas falas indicam que as mães adaptam à sua realidade de vida: “*Eu acho que a gente foi aprendendo, tanto eu quanto meu marido, a pegar pra gente o que a gente achava adequado e conseguir, né, colocar na nossa rotina, né, também não ser tão rígido...*” (Caso 8, Cr60m, 2).

Portanto, apesar de se basearem em informações e orientações gerais, as mães exercem sua autoria ao personalizá-las e ajustá-las de modo a atender às demandas e circunstâncias individuais de suas famílias. Essa flexibilidade reflete a busca por um equilíbrio entre as recomendações e as necessidades práticas de seu contexto familiar.

Busca por alternativas às mídias digitais

O fundamento da busca por alternativas às mídias digitais esteve presente nas falas de 18 participantes na etapa 1 da pesquisa e em todas as entrevistas realizadas na etapa 2. Ele indica que a prioridade das mães é que as crianças desenvolvam atividades e

interações fora das telas, como é possível observar na vinheta a seguir: “*A gente não incentiva muito a usar as telas, sabe? Brinca muito de massinha, de argila, era uma trabalhadeira pra entreter a criança, assim, muita coisa de desenho... Daí quando tava bom o tempo, corre na rua, né...*” (Caso 18, Cr58m, 2).

Algumas mães disseram que recorrem às mídias digitais como última alternativa, quando já tentaram utilizar outros recursos com a criança: “*Então a gente procura brincar mais ou com os brinquedinhos dela...ou cantar as musiquinhas, ela adora violão...A gente procura deixar a TV como última...último recurso*” (Caso 19, Cr5m, 1).

Na etapa 2 do estudo, foi observado que, devido à pandemia e às mudanças nas rotinas familiares, as opções de atividades para entreter as crianças fora das telas se tornaram mais limitadas, o que resultou em algumas mães recorrendo com maior frequência ao uso de mídias digitais como alternativa para entretenimento:

É que eu não usava tanto telas com ele. Eu tentava, assim, eu tinha mais condições de enterter [sic], sair pra rua com ele, daí, ele se cansava, daí, ele chegava em casa, às vezes, tirava um sono. Daí, eu aproveitava enquanto ele dormia pra fazer as coisas, assim, então era um pouquinho diferente a nossa rotina. A gente passava bastante tempo na rua quando eu podia, assim, final de semana no pátio, correndo, jogando bola, e aí ele acabava não necessitando tanto de entretenimento [sic] quanto agora (Caso 22, Cr43m, 2).

Outras vinhetas mostram um deslocamento sutil ocorrido nesse tema durante a pandemia: algumas mães, diante da dificuldade de priorizarem atividades fora das telas, passaram a tentar restringir, dentro do possível, o uso desses dispositivos pelas crianças, em uma espécie de redução de danos. Essa prática indica a preocupação materna de encontrar um equilíbrio entre o uso das telas e outras atividades, com o objetivo de minimizar os potenciais impactos negativos no desenvolvimento infantil:

É, a gente tenta usar o menos possível. A regra é essa: usar o quanto a gente pode. Por exemplo, esse final de semana deu calor e tal, deu pra sair bastante na rua. A gente procurou fazer atividade ao ar livre, porque sábado e domingo é quando ela costuma usar um pouco mais as telas, né, aí sempre que o clima ajuda, a gente procura se dedicar pra que ela fique ao ar livre né, aí ela nem fica, ela nem pensa em tela nem nada (Caso 13, Cr36m, 2).

Por outro lado, a reabertura de algumas escolas e atividades extracurriculares possibilitaram que algumas mães retomassem a priorização das rotinas que ocorrem fora das telas, como evidenciado na seguinte narrativa:

Então a gente procurou controlar, assim, o uso de telas, mas agora, como voltaram quase todas as atividades que eles faziam antes, assim, então... eles ficam no período da manhã na escola, aí depois, na terça e quinta eles têm natação à tarde e na segunda, no fim da tarde, eles têm tênis. Então, eles acabam vendo TV mesmo, é segunda de tarde, quarta e sexta, que são os dias que a gente não tem correria, assim, de atividades extras, né (Caso 14, Cr60m, 2).

Apesar dos desafios enfrentados durante a pandemia, algumas famílias tiveram a oportunidade de mudar-se de apartamentos pequenos em áreas urbanas para residências próprias ou de familiares em regiões litorâneas ou no interior. O acesso a esses espaços físicos mais amplos, com a presença de áreas externas, desempenhou um papel crucial ao permitir que essas mães priorizassem atividades fora das telas para suas crianças. A mudança de ambiente propiciou o envolvimento em experiências ao ar livre:

Pra minha filha foi muito bom. Ela foi a que mais, assim, saiu do mundo da tela e... voltou pro mundo, né. Então aqui tem jardim, então ela gosta muito de flor, então ela tem esse momento. Ela brinca muito sozinha, assim, de sentar ali com os brinquedos, porque lá não tinha nem essa questão do espaço, vamos dizer assim, ah ela vai montar uma casinha... porque ele era um apartamento de um dormitório, né. Então essa questão foi muito bom (Caso 12, Cr49m, 2).

A vivência do isolamento social e o aumento significativo do uso de mídias digitais durante a pandemia levaram algumas mães a atribuir um valor ainda maior às atividades realizadas fora das telas, especialmente em meio à natureza. Elas passaram a buscar essas alternativas sempre que possível, reconhecendo a importância dessas experiências:

E acho que também a pandemia trouxe muito a consciência de como é importante tá mais perto da natureza, botar o pé no chão, né, isso é uma coisa que a gente vê mais, né, as praças, os parques lotados, né. Eu digo que eu conheci tanta pracinha que eu não sabia que existia, é, pela pandemia, né. Acho que focar nessas coisas assim, é..., já dá muita diferença, muita diferença, sabe? (Caso 15, Cr37m, 2).

Durante a etapa 2 do estudo, foi observado que, apesar da intenção das mães em priorizar atividades que não envolvessem o uso de telas, algumas crianças passaram a manifestar uma clara preferência pelas mídias digitais:

A gente pede, quando a gente tira o celular ou coisa assim, que ela brinque com os brinquedos que ela tem, ou que ela vá ver desenhos pra pintar. Ela tem canetinha, giz de cera, lápis de cor, essas coisas. Mas eu vou te dizer que, ultimamente, ela tá negando um pouco esses brinquedos. A gente tem até conversado bastante sobre isso porque ela tem um monte de brinquedo, né, e

a gente não tem aproveitado muito esses brinquedos. Às vezes, ela resolve brincar com uma boneca ou outra, às vezes, a guitarrinha também, que toca música, mas a primeira escolha tem sido o celular (Caso 9, Cr58m, 2).

Em outra entrevista realizada na etapa 2 da coleta de dados, foi possível observar que o engajamento em atividades que não envolvem telas demandou mais negociação com a criança. Essa vinheta ilustra como o processo de incentivar as atividades fora das telas se tornou mais desafiador quando as crianças estavam maiores, exigindo uma abordagem mais estratégica por parte das mães:

E daí ela agora pediu um videogame. Eu não quero, eu não acho... ela tem, vai fazer cinco anos agora. E daí a gente “mas tu não prefere um kit de ciências?”... Daí eu disse que pode misturar as coisas, assim, daí ela já ficou super empolgada e a gente já conseguiu dissuadir ela dessa ideia. Então... Mas tu tem que fazer parecer que as outras coisas são tão ou mais legais, né? Então... E eu acho que são mesmo pra essa fase, né? (Caso 18, Cr58m, 2).

Essas duas últimas vinhetas indicam mudanças que estão relacionadas ao desenvolvimento infantil. Como as crianças passam a demonstrar maior autonomia e iniciativa para fazer escolhas, as mães encontram mais dificuldade para seguir o fundamento de priorizar atividades fora das telas, apesar de ser essa sua intenção.

Reações e comportamentos do bebê/criança

Outro fundamento subjacente às práticas maternas relativas às mídias digitais são as reações e comportamentos dos filhos diante desses dispositivos. Esse tema esteve presente em 16 entrevistas realizadas na etapa 1 e em 18 entrevistas na etapa 2 do estudo. As evidências coletadas indicam que as mães observam e interpretam as manifestações e comportamentos do bebê/criança em relação às mídias digitais, e a partir disso ajustam suas práticas relativas a essas tecnologias.

Na etapa 1 do estudo algumas falas revelam o gosto dos bebês por atividades específicas, como escutar música, assistir vídeos e tirar *selfies* com o celular. As mães, percebendo o prazer que os filhos experimentam, acabam incentivando a interação com as mídias digitais para essas finalidades, como exemplificado na vinheta a seguir:

Ela gosta bastante de tirar foto, então a gente tira foto e mostra pra ela o bebê que daí ela vai tirando selfie né, ela vai apertando ali, vai tirando, depois a gente pergunta pra ela “quem é esse bebê aqui aí?” e ela bate palma (Caso 20, Cr9m, 1).

Outros relatos mostram que, apesar de algumas mães tentarem introduzir as mídias digitais em atividades cotidianas, a reação do bebê, demonstrando desinteresse ou falta de concentração no dispositivo, leva-as a desistir desse uso: *“Uma vez eu tentei, assim [colocar vídeo no celular durante a troca de fraldas], mas não ajuda. Ela não se interessa, olha um pouquinho, não quer mais... E daí acabo nem colocando, porque ela não se interessa, então não...”* (Caso 2, Cr12m, 2).

Na fala seguinte as mudanças no desenvolvimento da criança, que impactam suas habilidades, interesses e comportamento, tiveram um efeito significativo na forma como ela utilizava as mídias digitais. Além disso, a mãe percebeu que essas mudanças no desenvolvimento da criança influenciaram sua própria prática de disponibilizar músicas por meio de dispositivos móveis e da televisão:

No início, quando ela tinha uns 3 meses, pra entreter ela, assim, quando eu tinha que fazer alguma coisa em casa, eu ligava as musiquinhas ali no celular, na televisão e ela ficava paradinha quietinha vendo isso... E aí quando ela começou a querer pegar o celular, aí ela pegava e começava a tocar na tela, aí parava a música, aí ela já se irritava, jogava o telefone e isso já começou a não entreter mais ela... E aí agora ela começou, faz um mês, faz um mês e meio, ela começou a engatinhar então menos ainda... Não chama muito a atenção dela, ela tá querendo descobrir o que tem em volta, porque aquilo ali do celular já perdeu a graça acho que pra ela (Caso 20, Cr9m, 1).

A próxima vinheta exemplifica o papel ativo do bebê diante da interferência das mídias digitais na interação com a mãe. Nessa situação específica, durante a amamentação, o bebê apresenta uma reação perceptível ao uso do celular pela mãe, o que, por sua vez, leva a mãe, atenta às necessidades e reações do bebê, a interromper o uso. Essa dinâmica destaca a natureza bidirecional da interação entre mãe e filho, na qual o bebê exerce influência nas decisões e práticas maternas relacionadas ao uso das mídias digitais:

Mãe: É, pensando assim, na hora que ela tá mamando, se ela tá mamando ativa, eu não consigo mexer no celular. Se não ela vai ficar batendo a mão aqui... Entrevistadora: Tentando pegar o celular da tua mão... Mãe: Isso. Agora quando ela tá naquele mamá que eu sei que ela vai dormir, aquele mamá tranquilo que ela já mama com o olho fechado, ela nem se incomoda, mas quando ela tá ativa, acordada mamando, aí...ela bate (Caso 19, Cr5m, 1).

Na etapa 2 do estudo, as práticas maternas relacionadas ao uso de telas são diretamente influenciadas pelo comportamento das crianças, que passam a solicitar

explicitamente o uso de dispositivos eletrônicos. Elas fazem escolhas e demonstram suas preferências, desempenhando um papel bastante ativo na interação com as mídias digitais. A próxima vinheta evidencia a influência significativa da criança nas práticas da mãe em relação ao uso das telas:

Mas quando a gente viaja, no carro ela pede... se tu bota no Youtube, que ela quer ver "Baby Buzz" aí por exemplo, ela descobre outras coisas, porque ela já aprendeu, né, aí ela vai começando a solicitar, né. Esses tempos ela queria ver sempre "Baby Buzz" aí eu descobri que tinha um joguinho do "Baby Buzz"... aí eu disse "tá, a mãe vai te mostrar que tem um joguinho". Aí agora, de vez em quando, ela joga o joguinho, né... (Caso 17, Cr39m, 2).

Ainda nessa linha das escolhas feitas pela criança, o relato seguinte evidencia que, embora a mãe tenha empreendido esforços para estimular o acesso a conteúdo educativo, as preferências da filha desempenharam um papel crucial, manifestando um interesse distinto do proposto inicialmente pela mãe: *"A gente tentou estimular [conteúdo educativo], mas acabou que o interesse dela foi pra outras coisas, né, daí a gente foi seguindo"* (Caso 9, Cr58m, 2).

Na etapa 2 também se observou que mudanças relacionadas ao desenvolvimento da criança, como a capacidade de manter a atenção por um período mais prolongado, refletem-se em novas formas e possibilidades de uso das mídias digitais, levando a uma adaptação das práticas maternas com base nas necessidades, interesses e habilidades da criança:

Acho que mudou o tempo de concentração dela em querer assistir... nada mais, assim. Eu inseri mais algumas opções, tipo, ela não... desenhos que ela ainda não assistia e ela já, hoje, assiste. E, também, na experimentação de colocar ela pra ver filme, né. Ela sempre assistiu séries de 20, dez minutos, aquela coisinha curta. Mas eu coloco filme e a gente assiste um filme completo, ela gosta (Caso 4, Cr48m, 2).

Por outro lado, quando a criança ainda não consolidou a capacidade de manter a atenção por um período mais longo, ou de compreender narrativas mais complexas em filmes e desenhos, as mães podem, eventualmente, desistir de certas atividades envolvendo o uso das mídias digitais que buscaram incentivar, como demonstrado no relato seguinte:

Uma coisa que a gente não conseguiu fazer com ela ainda, que a gente já propôs de ver filme junto com ela né, filme infantil, ela nunca quis... Então, isso é uma coisa que a gente gosta, de ver filme de desenho, que ela não fica,

assim, pra ver... Eu acho que ela tá mais habituada com aqueles curtos né. E, aí ela fica, vou te dizer que sei lá, um hora direto talvez ali. Mas vai trocando a historinha, assim. Eu acho que uma mesma história, eu acho que ainda não faz sentido pra ela, assim, é mais complexa assim, talvez né, e ela não acompanha daí, assim, não interessa ela (Caso 6, Cr45m, 2).

Uma das mães observou que a capacidade desenvolvida pela criança de brincar de forma independente teve um efeito positivo na redução do uso da televisão como fonte de entretenimento para o filho quando ela precisava realizar outras tarefas.:

Digamos assim, brincar sozinho tá um pouquinho mais assim, né? Então daí a gente vai tirando, né, vai desligando, pode deixar música tocando só na caixinha, né? Então, daí eu vejo, ó, tá mais entretido com alguma coisa, se tava ali o estímulo da TV, eu vou retirando, vou tirando, né? Eu noto uma diminuição do tempo da TV. Por essa questão de ele... Eu consigo hoje fazer um almoço completo com ele brincando, só escutando música e brincando, brincando... (Caso 15, Cr37m, 2).

Algumas falas evidenciam o engajamento da criança na prática de uso compartilhado de mídias digitais, ao tomarem a iniciativa, solicitando a participação das mães nas interações mediadas pelas telas. Essa dinâmica foi observada em relatos de situações nas quais as crianças buscaram envolver ativamente suas mães em atividades digitais, compartilhando vídeos, convidando-as para jogos ou mostrando descobertas online:

Assim, ela pede a todo instante pra gente interagir com aquilo que ela tá assistindo, tá. Eu não tenho paciência todas as vezes que ela quer, ou, às vezes, eu tô concentrada fazendo outra coisa, eu não consigo dar essa assistência pra ela. É mais recorrente quando a gente escuta as músicas juntas ou quando a gente escolhe as historinhas na hora de dormir, que é, praticamente, todo dia. Ela me mostra, "ah, olha o que aconteceu nesse vídeo, que que o menino fez, que que a menina fez, ah, olha aqui esse jogo" e tal (Caso 9, Cr58m, 2).

Algumas participantes mencionaram a facilidade com que as crianças interrompem o uso das telas, revelando uma preferência por outras atividades. Tal comportamento parece proporcionar uma sensação de tranquilidade para essas mães em relação ao uso de mídias digitais por seus filhos, fazendo com que elas não sentissem a necessidade de estabelecer regras ou acordos específicos com a criança ou outros cuidadores sobre o uso dessas tecnologias:

Entrevistadora: E como é que é a combinação de vocês com outros cuidadores em relação ao uso de telas? Vocês conversam com outros cuidadores sobre o uso de telas dela? Mãe: Em específico não, assim, não tem nada muito rígido. Porque geralmente quando ela tá com outras pessoas ela quer mais brincar do

que ver desenho. Ela geralmente vê o desenho quando ela tá cansada. Então nunca teve alguma dificuldade, algum ponto específico sobre isso (Caso 5, Cr47m, 2).

Por outro lado, quando observam comportamentos agitados ou agressivos das crianças ao usarem mídias digitais, as mães tendem a ajustar suas práticas, fazendo combinações e (re) estabelecendo regras:

É gritante assim... Os dias que a gente precisou muito e daí a gente passou do limite e deixou eles olharem, parece que chega num ponto, passou daquela uma hora, que excedeu a dose, eles ficam um negócio, assim... Eles ficam agressivos, eles não aceitam daí assim... eles ficam inconformados de uma forma assim... e ficam querendo roubar e pegar e daí ele inclusive quebrou uma vez a tela do notebook do meu marido... E daí a gente entendeu que não tem exceção pra essa nossa regra de limitar o tempo e daí azar o nosso se a gente precisa... É uma questão de agressividade exacerbada, pra nós não é positivo (Caso 10, Cr60m, 2).

Interferências na rotina familiar decorrentes do uso de mídias digitais pelas crianças, como conflitos entre irmãos e solicitações por mais tempo de tela, especialmente quando exceções são concedidas, também exercem influência nas práticas maternas. Essas situações levam algumas mães a adotarem uma postura firme em relação às regras estabelecidas quanto ao tempo e momentos de uso das telas no cotidiano familiar:

Antes eles acabavam vendo esses 40 minutos todos os dias, né. E aí a gente viu que ficava mais corrida a nossa rotina se eles tivessem. Porque daí não era assim: "vamos agora sair", "ah, mas o meu desenho não terminou, ah, mas a mana viu todo o dela", "ah, mas o mano...", né. E aí acabava sendo mais um motivo de estresse, assim. Então, a gente foi tirando esse desenho de terça e quinta e eles aceitaram bem, sabe, então, assim, eles já sabem que aquele não é um dia de ver TV porque a gente vai ter que sair em seguida (Caso 14, Cr60m, 2).

Outras vinhetas revelam que algumas crianças apresentam um esgotamento ou certa resistência em relação ao uso das telas, convocando as mães a interagir ou levando-as a buscar outras estratégias, como compartilhar os cuidados com o pai ou participar ativamente de brincadeiras: “Mas de tarde começa a ficar um pouco mais difícil, né, porque daí ela, mesmo televisão ela não quer, né. Aí já... a gente começa a tentar dar uma revezada, brinca de alguma coisa, né” (Caso 3, Cr40m, 2).

Como eu te falei, acaba que a gente se obriga a realmente ter que fazer outras coisas com ele, porque ele não fica muito, assim, não é uma coisa que tipo assim, “Ah”, sabe quando fala “Ah, é um sossega leão. Ligou, pronto, esqueceu a criança”. Não, aqui em casa não é assim, te confesso que até eu queria que fosse um pouquinho mais, mas não é não (Caso 15, Cr37m, 2).

Esse tema destaca a influência das reações e comportamentos individuais das crianças nas práticas maternas relacionadas ao uso de telas. Além disso, enfatiza a importância da flexibilidade e capacidade de adaptação das mães ao lidarem com a presença desses dispositivos na rotina de seus filhos.

Vivências da própria infância

Esse tema foi menos abordado nos relatos das mães em comparação aos três temas anteriores. Na etapa 1 do estudo, cinco mães mencionaram esse aspecto, enquanto na etapa 2, esse número aumentou para nove participantes. Ele engloba falas das mães sobre suas próprias experiências na infância, que servem como referência, apoio e inspiração para as interações comportamentais e afetivas estabelecidas com seus filhos. Em algumas situações descritas, é observado que as experiências da infância das mães funcionam como uma base que lhes permite prescindir do uso de mídias digitais em determinadas rotinas vivenciadas com as crianças:

Eu tenho amigas que não conseguem ir daqui até ali no shopping sem botar telas...a criança não consegue, sabe. Eu acho que isso tem a ver com o condicionamento, assim, eu acho que as pessoas reclamam, problematizam, mas elas condicionam os filhos assim. Quando a gente vem no carro, a gente olha as retroescavadeiras, a gente olha “O fuca! Uma combi!”, que nem era na nossa época, entendeu? Daí “ah, olha ali aquela estátua”, “Olha ali, olha essa música”, daí a gente canta uma música, daí a gente interage (Caso 10, Cr31m, 1).

Além disso, as experiências consideradas pelas mães como positivas e saudáveis em sua própria infância são tomadas como referência para aquilo que consideram importante e buscam proporcionar aos seus filhos, priorizando essas vivências em detrimento do uso de mídias digitais:

Eu sempre tive possibilidade de tá no clube, então pra mim isso foi importante, então tem aquele contato com a natureza, essas coisas assim, brincadeiras de subir em árvore, essas coisas que eu vejo que pra mim foi importante, e hoje em dia, praticamente não existe mais, né... Eu procuro passar isso pra ela também... Esse tipo de coisa que eu acho importante, ela ter contato com a natureza, várias outras coisas, do que com a tecnologia, porque... daqui a pouco ela vai ter igual, querendo ou não ela vai ter... (Caso 1, Cr16m, 1).

Por outro lado, falas como a subsequente indicam que algumas mães percebem como positivas as oportunidades proporcionadas pelas mídias digitais, ao lembrarem situações de sua própria infância e compará-las com as atividades atualmente disponíveis

para as crianças:

Mãe: Em alguns momentos de lazer, que não é possível sair pra brincar, né, tipo, dia de chuva... Antigamente... tipo na escola, não pode ter educação física porque tá chovendo, aí vamos jogar, né? ãm, em casa, era o quê? Vai dormir! (risada)... Hoje a gente pode, vamos assistir um filme, vamos ver um desenho. Tem algumas atividades, tipo quebra-cabeça, que é, é jogo online, assim, ela gosta muito. Então a gente vai montando quebra-cabeça (Caso 20, Cr36m, 2).

Em um dos casos, o relato da mãe sugere que lembranças da própria infância em relação ao uso de telas podem ser reeditadas nas práticas atuais com os filhos, mesmo que não intencionalmente:

Acontece eventualmente dela almoçar vendo algum desenho, que é uma coisa que eu acho que tenho presente da minha lembrança de criança, era no horário do almoço, eu via Chaves, Chapolin. Não é ver a TV para almoçar, para conseguir comer, mas sei lá.... (Caso 17, Cr39m, 2).

Uma participante buscou orientação com sua própria mãe sobre como ela lidava com o uso de telas durante sua infância. Esse relato evidencia a tentativa da participante em encontrar na experiência de sua mãe um conhecimento de referência para lidar com a presença das telas na rotina de sua própria filha, ao mesmo tempo em que reconhece as mudanças tecnológicas ocorridas entre as gerações. A conversa entre mãe e filha também parece desempenhar o papel de uma autorização para o uso de telas, uma vez que essa prática foi permitida pela mãe durante a infância da participante:

E daí eu vi que a TV prendia [a atenção da filha], aí eu perguntei “mãe, a gente via TV quando era pequena? “Sim, vocês viam”. Ah, beleza... Só que eu penso “tinha uma época que não existia TV”, o quê que eles faziam eu não sei (risos)... Que é isso que eu penso, que nem a gente quando era criança, não tinha celular. E a gente cresceu sem celular, né... A gente se distraía com outras coisas. Mas é que hoje em dia é mais prático, tá no nosso alcance, né (Caso 19, Cr5m, 1).

Em algumas falas, as vivências na infância das mães emergem como um contraponto ao modo como as crianças brincam na contemporaneidade, em que as telas são uma importante referência. Essa comparação provoca um sentimento de estranhamento nas participantes, pois percebem uma diferença significativa entre suas vivências lúdicas do passado e as interações digitais presentes na rotina das crianças atualmente:

Eu acho que elas acabam tendo acesso a coisas que eu vejo que na minha época era diferente, as crianças, os adolescentes hoje, hum, acho que fazem

coisas que não são adequadas para a faixa etária. Por exemplo a gente tava numa pracinha brincando de areia e tinha um menino que devia ter uns 5 ou 6 anos daí ele tava dizendo o que tinha que fazer porque ele tinha visto no TikTok. Eu fiquei pensando, mas ele deveria ter aprendido a brincar aqui na pracinha e não olhando um vídeo ensinando a brincar. Eu acho que isso é uma coisa que, eu fiquei muito espantada com isso na verdade (Caso 5, Cr47m, 2).

Ao mesmo tempo, algumas mães referem que as experiências lúdicas e os momentos de brincadeira que tiveram no passado podem não ser replicáveis da mesma maneira na sociedade contemporânea, devido à forte influência e presença das mídias digitais:

Só que agora pra eles, principalmente na era pandêmica, tudo ficou conectado né, então assim, é difícil depois que a gente apresenta a tecnologia, é, restringir assim, enfim, é, eu acho que as coisas são muito mais tecnológicas... Então assim é impossível achar que eles vão ter uma criação e um contato como nós tivemos que era de subir em árvore, só subir em árvore, só brincar na rua, só ir na praça, só, hum, só as brincadeiras de rua né, porque a gente não tinha... nem a TV era como é hoje né, a gente tinha o horário que passava o, sei lá, o show da Xuxa e depois acabou, então hoje eles têm 25 horas por dia (Caso 10, Cr60m, 2).

Nessas falas, percebe-se a reflexão das mães sobre as transformações culturais e tecnológicas, e de que modo essas impactam as crianças, trazendo à tona questões relacionadas ao equilíbrio entre o mundo digital e as experiências lúdicas mais tradicionais vivenciadas em sua própria infância.

Discussão

Os resultados do estudo destacam o interesse das mães em buscar informações sobre o uso de telas na infância em sites e redes sociais. Esses achados sugerem a importância da divulgação de orientações sobre o assunto. No entanto, alguns autores ressaltam a tendência de pesquisas, profissionais de saúde e mídia em abordar principalmente os riscos associados ao uso de mídias digitais pelas crianças, com menor ênfase em um potencial uso equilibrado e saudável dessas tecnologias, o que se reflete no tipo de informações disponibilizadas às famílias (Blum-Ross & Livingstone, 2018; Hoover & Clark, 2008; Mascheroni & Zaffaroni, 2023).

O fato de as participantes do estudo possuírem alta escolaridade, sendo que algumas eram profissionais da área da saúde e da educação (Tabela 1), pode ter facilitado

seu acesso a informações e orientações sobre uso de mídias digitais na infância. Curiosamente, mesmo contando com o atendimento de profissionais de saúde, apenas uma das mães buscou por essas informações junto ao pediatra, e a maioria das participantes não recebeu orientações sobre o uso de mídias digitais na primeira infância por parte dos especialistas que acompanham seus filhos, confirmando resultados de estudos anteriores, que mostram que esse é um assunto ainda pouco abordado nas consultas de rotina com profissionais de saúde (Golden et al., 2020; Pedrotti, 2019). Até mesmo na etapa 2 do estudo, realizada durante a pandemia, quando o uso de telas cresceu entre boa parte das crianças ao redor do mundo (Hartshorne et al., 2021), não foi observada uma mudança expressiva na abordagem do tema pelos profissionais, nem mesmo na demanda das mães por orientações sobre o assunto dirigida a esses especialistas. Também desperta interesse que tampouco a escola de educação infantil dos filhos foi mencionada como fonte de informação e orientação sobre uso de telas, indicando que essas instituições, que poderiam ser um importante local de reflexão sobre o assunto, podem não estar apoiando suficientemente as famílias em relação a esse tema.

A busca solitária por informações na internet, feita pelas mães, no lugar de compartilhar suas dúvidas com os profissionais de saúde de referência, pode indicar constrangimento em admitir que os filhos utilizam mídias digitais, principalmente quando se considera que as diretrizes sobre tempo de tela se tornaram uma ferramenta normativa pela qual a parentalidade é avaliada (Blum-Ross & Livingstone, 2018); Mascheroni & Zaffaroni, 2023). De qualquer forma, os resultados deste estudo corroboram pesquisas anteriores ao evidenciar o papel das mídias digitais como uma ferramenta essencial para o suporte e busca de informações pelas mães na contemporaneidade (Pretorius et al., 2019). Sendo assim, é necessário atentar para a qualidade do conteúdo sobre uso de telas na infância a que as mães têm acesso. Ao mesmo tempo, esses achados indicam que, de modo geral, as informações e orientações sobre uso de telas na infância a que as mães têm acesso são impessoais e veiculadas amplamente pela internet. Algumas participantes demonstraram adaptar esse tipo de conteúdo à sua realidade de vida, avaliando o que consideram adequado e possível de ser implementado em seu cotidiano. No entanto, os dados indicaram a falta de abordagens individualizadas por profissionais, que considerem os diferentes lugares ocupados pelas mídias digitais em cada grupo familiar.

As mães que participaram deste estudo também têm como fundamento priorizar atividades alternativas às mídias digitais para as crianças, recorrendo pontualmente ao

uso desses dispositivos. Contrariamente às críticas frequentemente direcionadas aos cuidadores pelo senso comum, a maioria das participantes do estudo não promove deliberada e repetidamente o uso de telas por bebês e crianças pequenas. No entanto, os resultados obtidos na etapa 2 indicam que, à medida que as crianças cresceram, tornou-se mais desafiador para algumas mães seguirem esse fundamento. Apesar de elas priorizarem e oferecerem alternativas às telas, algumas crianças optaram pelas mídias digitais como sua atividade preferencial, o que exigiu maior negociação por parte das mães. De qualquer forma, as participantes demonstraram estar atentas à importância de oferecer uma variedade de experiências para seus filhos, reconhecendo que as telas podem ser uma forma de lazer, mas não a única, e integrando-as de forma equilibrada na vida das crianças. Cabe ressaltar, no entanto, que essas mães estavam engajadas com o tema da pesquisa, buscando ativamente conhecimento sobre o assunto, e algumas inclusive solicitando material informativo do grupo de pesquisa. É importante considerar estratégias desse tipo, que promovem um uso consciente e saudável das mídias digitais durante a primeira infância, sem ignorar os possíveis desafios e riscos associados, pois as crianças estão crescendo em um mundo altamente tecnológico, onde carreiras, trabalhos, momentos de lazer e formas de interação são cada vez mais mediados pelas mídias digitais.

Os resultados obtidos também sugerem que determinados elementos do ambiente podem favorecer ou dificultar o alcance da intenção materna de priorizar atividades alternativas às mídias digitais. O tipo de moradia, a disponibilidade de brinquedos e brincadeiras, escolas, atividades extracurriculares e opções de lazer desempenharam um papel importante nesse estudo. Durante a pandemia, a restrição desses recursos tornou-se mais desafiador para algumas mães priorizarem atividades e interações fora das telas, apesar de sua intenção, afetando, assim, suas práticas relacionadas às mídias digitais. Nos casos em que as crianças tiveram maior disponibilidade de espaços externos, contato com a natureza, aulas presenciais nas escolas e atividades extracurriculares, as mães encontraram menos dificuldade de manter seus filhos engajados em atividades que não envolviam telas. Esses dados sugerem que a redução do tempo de tela na primeira infância está relacionada à disponibilidade de recursos necessários para criar um ambiente propício ao cuidado das crianças (Hartshorne et al., 2021).

Os resultados também apontam para a influência exercida pelas reações do bebê/criança nas práticas maternas, seja em função das habilidades que possuem em cada

período do desenvolvimento infantil, seja por características ou preferências pessoais, por convocarem as mães a interagir a partir das mídias digitais – ou prescindindo delas - e por resistirem ao uso desses dispositivos. As respostas da criança diante das mídias digitais levaram ao ajuste das práticas das mães relativas a essas tecnologias, destacando a importância da sensibilidade materna para uma adaptação efetiva e adequada nesse contexto (Winnicott, 1963/1983). Esses resultados desmistificam a ideia de que as mídias digitais são uma saída fácil para os dilemas da parentalidade, visto que nem todas as crianças respondem favoravelmente, a todo momento, às tentativas das mães de usá-las, o que pode desencorajá-las a recorrerem às telas como recurso. Portanto, longe de serem meros receptores passivos de práticas decididas e impostas pelas mães, bebês e crianças pequenas as afetam. Esses resultados estão em conformidade com a teoria, que postula que as reações, preferências, comportamentos e temperamento do bebê e da criança influenciam a parentalidade que esses recebem (Brazelton, 1974; Zornig, 2010). Já a sensibilidade da mãe e sua adaptação às respostas, preferências e resistências da criança frente ao uso de telas demonstram sua disponibilidade em responder de forma flexível e a importância de que esteja atenta às suas necessidades e habilidades ao interagir com as mídias digitais (Winnicott, 1963/1983). Ainda em relação à influência exercida pelas reações do bebê/criança nas práticas maternas, algumas vinhetas da etapa 2 do estudo mostraram que as crianças, quando estavam maiores, tentaram iniciar interações com suas mães por meio das mídias digitais. Essa é uma oportunidade rica para o desenvolvimento de práticas envolvendo interação, aprendizado e brincadeiras entre mães e filhos, que podem ocorrer por meio de jogos educativos e aplicativos de criação. No entanto, para viabilizar esse processo, é fundamental que a mãe esteja disponível e aberta a essas interações por meio das mídias digitais, o que nem sempre acontece.

Algumas mães também demonstraram fundamentar suas práticas relativas às telas nas vivências da sua própria infância. No que tange às participantes que mencionaram experiências pessoais de utilização desses dispositivos quando crianças, observou-se a possibilidade de reeditarem essa prática com seus próprios filhos, mesmo que não intencionalmente. As mães também podem se sentir autorizadas a disponibilizar telas para as crianças diante da percepção de que seus próprios pais o fizeram. Esses resultados sugerem, conforme encontrado por Nimrod e Elias (2023), que pode haver uma transmissão intergeracional de atitudes e práticas de mediação do uso de mídias digitais dos avós para as mães, e dessas para os filhos. Os achados do presente estudo também

indicam que as vivências da infância das mães podem desempenhar um papel relevante na redução do uso de mídias digitais, substituindo-as por outras atividades e brincadeiras que as mães experimentaram e valorizaram durante a infância, as quais funcionam como inspiração de formas de interação com os filhos sem o uso de mídias digitais.

Esses resultados articulam-se à abordagem psicanalítica da parentalidade, mostrando que a maneira como as mães a exercem, no que diz respeito às mídias digitais, é influenciada por sua história na infância, por suas relações com seus próprios pais, além de suas memórias e experiências de cuidado e de brincadeiras (Houzel, 2004; Winnicott, 1987/2006; Zornig, 2010). Apesar da importância das vivências da infância como fundamento das práticas maternas relacionadas às mídias digitais, esse foi um tema menos frequente nas entrevistas com as participantes em comparação aos demais. É possível inferir que as mães possam enfrentar maior dificuldade ou resistência em acessar suas memórias infantis como referência para o manejo das mídias digitais na vida de seus filhos.

Portanto, os resultados indicam que as mães baseiam suas práticas em relação às mídias digitais na primeira infância em uma combinação de fatores. Embora mantenham fundamentos consistentes e estáveis ao longo do tempo, as práticas maternas sofrem alterações à medida que a criança se desenvolve e ocorrem mudanças no ambiente, como observado durante a pandemia por COVID-19.

Considerações Finais

O estudo teve como objetivo analisar os fundamentos das práticas maternas relativas às mídias digitais, suas estabilidades e mudanças ao longo da primeira infância, antes e durante a pandemia por COVID-19. O desenho qualitativo e longitudinal constitui um ponto forte, pois permitiu compreender de modo aprofundado as estabilidades e mudanças nos fundamentos das práticas maternas ao longo da primeira infância, antes e durante a pandemia por COVID-19. Por outro lado, é importante ressaltar que os resultados devem ser interpretados segundo as características sociodemográficas das participantes, que possuíam alta escolaridade, eram em sua maioria de renda média e alta, casadas ou moravam com companheiro, residindo em capitais e regiões metropolitanas, não representando, portanto, a totalidade da população de mães brasileiras. A forma de divulgação do estudo – redes sociais - pode ter contribuído para atrair participantes de

alto nível de escolaridade, mobilizadas pela temática e habituadas ao uso de mídias digitais, influenciando nos resultados. Outra limitação refere-se à possibilidade de as mães terem apresentado respostas socialmente desejáveis sobre suas práticas, dada a familiaridade de muitas delas com as recomendações pediátricas sobre o uso de mídias digitais na infância. O fato de se tratar de um estudo da área da Psicologia, e das pesquisadoras que realizaram as entrevistas serem psicólogas, também pode ter contribuído para a ocorrência dessas respostas socialmente desejáveis.

Apesar dessas limitações, os resultados possuem implicações para a prática de profissionais da saúde e da educação, bem como para futuros estudos sobre a temática. Os achados evidenciam a falta de abordagens clínicas individualizadas em relação ao uso de mídias digitais na primeira infância, que considerem as realidades específicas de cada família, indicando a importância de aprimorar o suporte às mães e de abrir pausas para a reflexão sobre o tema entre as famílias e os profissionais de saúde que acompanham as crianças. Além disso, diante da ausência de referências às escolas como fonte de informações sobre o assunto, uma implicação prática do estudo é ressaltar o potencial dessas instituições para promover abordagens em relação ao uso educativo de mídias digitais na primeira infância, a fim de auxiliar no desenvolvimento saudável das crianças e na sua relação com o meio digital. Os resultados também sugerem a necessidade de fortalecimento da rede de apoio no cuidado infantil e das opções de lazer para as famílias, especialmente em espaços abertos e em contato com a natureza. Isso porque o estudo encontrou que as restrições impostas pela pandemia tornaram mais difícil para algumas mães proporcionarem atividades alternativas às telas, devido à falta de apoio e de recursos materiais e sociais. Os resultados também ressaltam o papel ativo e protagonista dos bebês e crianças nas práticas maternas relacionadas ao uso de telas, o que indica a necessidade de pesquisas futuras que abordem e aprofundem a influência desse fator, algo ainda pouco enfatizado nos estudos sobre parentalidade e mídias digitais na primeira infância (Nolan et al., 2021). A recuperação de memórias, interações e brincadeiras que as mães experimentaram e valorizaram durante a sua própria infância também emerge, a partir dos resultados, como um aspecto a ser investigado em futuros estudos e intervenções, visto que o resgate dessas vivências significativas parece contribuir para que algumas mães consigam disponibilizar outras formas de lazer, entretenimento e interação para seus filhos e filhas fora das telas. Pesquisas na área também poderiam variar a forma de recrutamento das participantes, ampliando seu perfil sociodemográfico, além de

acrescentar outras técnicas de coleta de dados que não sejam baseadas no autorrelato, como observações naturalísticas.

Portanto, os resultados sugerem que as práticas maternas relacionadas ao uso das mídias digitais na primeira infância possuem diferentes fundamentos. Por um lado, as mães se apoiam em bases objetivas, como informações e orientações sobre o tema, bem como na escolha preferencial por atividades que não envolvam telas. Ao mesmo tempo, suas práticas são embasadas em questões relacionais e subjetivas, como as reações do bebê/criança frente ao uso das telas e as vivências das próprias mães durante a sua infância. Embora nem todos esses fundamentos possam ser objetivamente ensinados, eles são passíveis de serem aprendidos e construídos de maneira autêntica, ativa e dinâmica na própria experiência da parentalidade e em contextos que valorizem a escuta e o acolhimento das mães.

Referências

American Academy of Pediatrics, Council on Communications and Media. (2016). Media and young minds. *Pediatrics*, 138(5), 1-8. <https://doi.org/10.1542/peds.2016-2591>

American Psychological Association. (2019). Digital media. *Thesaurus of psychological index terms*. Recuperado de <https://psycnet-apa.ez45.periodicos.capes.gov.br/thesaurus/item?term=digital%20media>

Anderson, D. R., & Hanson, K. (2013). What researchers have learned about toddlers and television. *Zero to three*, 33(4) 4-10. Retrieved from: https://www.researchgate.net/publication/287195548_What_Researchers_have_learned_about_toddlers_and_television

Bozzola, E., Spina, G., Ruggiero, M., Memo, L., Agostiniani, R., Bozzola, M., Corsello, G., & Villani, A. (2018). Media devices in pre-school children: The recommendations of the Italian pediatric society. *Italian Journal of Pediatrics*, 44(69), 1-5. <https://doi.org/10.1186/s13052-018-0508-7>

Blum-Ross, A., & Livingstone, S. (2018). The trouble with “screen time” rules. In G.

- Mascheroni, C. Ponte, & A. Jorge (Eds.), *Digital parenting. The challenges for families in the digital age* (pp. 179–187). Nordicom.
- Braun, V., Clarke, V., Hayfield, N., & Terry, G. (2019). Thematic Analysis. In P. Liamputtong (Ed), *Handbook of Research Methods in Health and Social Sciences* (pp. 843-860). Springer. https://doi.org/10.1007/978-981-10-5251-4_103
- Braun, V., & Clarke, V. (s.d.). *FAQs*. [Web page]. Recuperado em 25 de fevereiro de 2022, de <https://www.thematicanalysis.net/faqs/>
- Brazelton, T. B. (1974). The origins of reciprocity. In: M. Lewis & L.A. Roseblum (Eds.), *The effect of the infant on its caregiver* (pp.49-76). New York: Wiley.
- Brown, A., & Smolenaers, E. (2018). Parents' interpretations of screen time recommendations for children younger than 2 years. *Journal of Family Issues*, 39(2), 406–429. <https://doi.org/10.1177/0192513X16646595>
- Coyne, S. M., Radesky, J., Collier, K. M., Gentile, D. A., Linder, J. R., Nathanson, A. I., Rasmussen, E. E., Reich, S. M., & Rogers, J. (2017). Parenting and digital media. *Pediatrics*, 140(2), 112–116. <https://doi.org/10.1542/peds.2016-1758N>
- Coyne, S. M., Holmgren, H. G., Shawcroft, J. E., Barr, R., Davis, E., Ashby, S., Stockdale, L., & Domoff, S. (2022). ABCs or attack–boom–crash? A longitudinal analysis of associations between media content and the development of problematic media use in early childhood. *Technology, Mind, and Behavior*, 3(4). <https://doi.org/10.1037/tmb0000093>
- Frizzo, G. B., Bandeira, D. R., Levandowski, D. C., Azevedo, E. C., Mendonça Filho, E. J., Mallmann, M. Y., Pedrotti, B. G., Pieta, M. A. M., & Silva, M. A. (2017). *Os bebês, as famílias e o uso das tecnologias: Um estudo multi-métodos para o desenvolvimento infantil*. Projeto de pesquisa não publicado.
- Golden, S. L., Blake, J. W. C., & Giuliano, K.K. (2020). Parental decision-making: Infant engagement with smartphones. *Infant Behavior and Development*, 61, 1-7.

<https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2020.101497>

- Guedes, S. C., Morais, R. L. S., Santos, L. R., Leite, H. R., Nobre, J. N. P., & Santos, J. N. (2020). A utilização de mídias interativas por crianças na primeira infância: Um estudo epidemiológico. *Revista Paulista de Pediatria*, 38, e2018165. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2020/38/2018165>
- Hartshorne, J. K., Huang, Y. T., Paredes, P. M. L., Oppenheimer, K., Robbins, P. T., & Velasco, M. D. (2021). Screen time as an index of family distress. *Current Research in Behavioral Sciences*, 2, 1-9. <https://doi.org/10.1016/j.crbeha.2021.100023>
- Hoover, S. M., & Clark, L. S. (2008). Children and media in the context of the home and family. In K. Drotner, & S. Livingstone (Eds.), *The international handbook of children, media and culture* (pp. 105–120). Sage.
- Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade. In L. SolisPonton (Ed.), *Ser pai, ser mãe, parentalidade: Um desafio para o novo milênio* (pp. 47-52). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kildare, C. A., & Middlemiss, W. (2017). Impact of parents mobile device use on parent-child interaction: A literature review. *Computers in Human Behavior*, 75, 579-593. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.06.003>
- Mascheroni, G., & Zaffaroni, L. (2023). From “screen time” to screen times: Measuring the temporality of media use in the messy reality of family life. *Communications*, 1-22. <https://doi.org/10.1515/commun-2022-0097>
- Miguel-Berges, M. L., Santaliestra-Pasias, A. M., Mouratidou, T., Flores-Barrantes, P., Androustos, O., De Craemer, M., Galcheva, S., Koletzko, B., Kulaga, Z., Manios, Y., & Moreno, L. A. (2019). Parental perceptions, attitudes and knowledge on European preschool children’s total screen time: The ToyBox-study. *European Journal of Public Health*, 30(1), 105–111. <https://doi.org/10.1093/eurpub/ckz151>

- Nikken, P. (2022). The touch-screen generation: Trends in Dutch parents' perceptions of young children's media use from 2012–2018. *Communications*, 47(2), 286–306. <https://doi.org/10.1515/commun-2020-0028>
- Nimrod, G., & Elias, N. (2023). Like grandmother, like mother? Multigenerational mediation of young children's media use. *International Journal of Communication*, 17, 4079–4096. Retrieved from <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/20517>
- Nolan, A., Edwards, S., Salamon, A., Straker, L., Grieshaber, S., Skouteris, H., Henderson, M., Highfield, K., & Bartlett, J. (2021). Young children's agency with digital technologies. *Children & Society*, 00, 1-23. <https://doi.org/10.1111/chso.12512>
- Pedrotti, B. G. (2019). *Como prescindir das novas tecnologias no cuidado e na interação com os bebês?* Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.
- Pesce, L. R., & Lopes, R. de C. S. (2020). “O lado B da maternidade”: Um estudo qualitativo a partir de blogs. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(1), 205-230. <http://doi.org/10.12957/epp.2020.50825>
- Pretorius, K., Johnson, K. E., & Rew, L. (2019). An integrative review: understanding parental use of social media to influence infant and child health. *Maternal and Child Health Journal*, 23(10), 1360-1370. <http://doi.org/10.1007/s10995-019-02781-w>
- Radesky, J., Peacock-Chambers, E., Zuckerman, B., & Silverstein, M. (2016). Use of mobile technology to calm upset children: Associations with social-emotional development. *JAMA Pediatrics*, 170(4), 397-399. Retrieved from: <https://jamanetwork.com/journals/jamapediatrics/fullarticle/2498404>
- Robson, C. (2002). *Real world research: A resource for social scientists and practitioner*

researchers (2nd ed.). Oxford: Blackwell

Staples, A. D., Hoyniak, C., McQuillan, M. E., Molfese, V., & Bates, J. E. (2021). Screen use before bedtime: Consequences for nighttime sleep in young children. *Infant Behavior & Development*, 62. <https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2020.101522>

Üstündang Alkan, R., Aslan, A., Turgut, Y. E., & Kursun, E. (2021). Factors affecting parental mediation strategies in children's technology use: A systematic review. *Journal of Computer and Education Research*, 9(18), 702-723. <https://doi.org/10.18009/jcer.925859>

Winnicott, D. W. (1983). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação* (pp.79 - 87). Porto Alegre: Artmed (Original publicado em 1963).

Winnicott, D. W. (2006). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1987).

Zornig, S. M. A. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: O processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalítico*, 42(2), 453-470. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010&lng=pt&tlng=pt.